

LUCIANA DORNAICKA E GONÇALVES

VIOLÊNCIA, ESCOLA E ÉTICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como exigência parcial para o curso de Pedagogia
com habilitação em Administração Escolar da
Faculdade de Educação, UNICAMP, sob a
Orientação do Prof. Sílvio Gallo.

Campinas, SP
1998

UNIDADE	FE
Nº CHAMADA:	TCC/UNICAMP
V.	052679
EX:	
TOMBO:	80
PROC:	124/03
C:	
D:	X
PREÇO:	11,00
DATA:	31/10/03
Nº CPD:	mlb rd 310403

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP**

G586v

Gonçalves, Luciana Dornaicka.
Violência, escola e ética / Luciana Dornaicka
Gonçalves. - Campinas, SP : [s.n.], 1998.

Orientador : Sívio Donizetti de Oliveira Gallo.
Trabalho de conclusão de curso - Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Violência. 2. Ética. 3. Moral. 4. Escola. 5. Vida.
I. Gallo, Sívio Donizetti de Oliveira. II. Universidade
Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

APROVAÇÃO

Prof. Sílvio Gallo

Prof. Dr. Newton Aquiles Von Zuben

Especialmente in memoriam do índio pataxó Galdino
Jesus dos Santos, sua valiosa vida e trágica morte,
que me levaram a desenvolver este trabalho.

Ao meu pai por também ter me ensinado a amar ;
à minha mãe pelo que a leva ser fundamental para mim;
in memoriam de meu estimado avô;
à minha avó, exemplo de vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente ao Prof. Sílvio Gallo
por me direcionar e apoiar neste trabalho.

Agradeço também aos meus irmãos,

Fernando e Adriana

por de diversas maneiras me incentivarem;

à presença constante de Sílvia e Ruzzi em minha vida;

aos meus pais por sempre contribuírem com meus estudos;

à Priscila por sua amizade e atenciosa presença;

à Ronaly por sua amizade e carinho;

ao Ju e a tia Sônia pelo “apoio técnico”;

à todos que de alguma forma durante

a faculdade tornaram minha vida mais

inteligível e feliz, e sobretudo

à Deus presença viva, essencial.

“Fui à floresta para viver profundamente,
Sugar toda a essência da vida
Eliminar tudo o que não era vida
E não, ao morrer, descobrir que não vivi.”

(Filme – Sociedade dos Poetas Mortos)

“Viver é muito perigoso. Porque ainda não se sabe.
Porque aprender a viver é que é viver, mesmo.
O senhor não repare. Demore, que eu conto. A vida
da gente nunca tem termo real.
Existe é homem humano. Travessia.”

(Guimarães Rosa)

SUMÁRIO

1. Introdução.....	09
2. O Objetivo da Educação Escolar.....	15
3. Ética Para Uma Vida Melhor.....	34
4. Considerações Finais.....	52
5. Referência Bibliográfica.....	58

RESUMO

O contato com diversas reportagens nos noticiários brasileiros à respeito da violência praticada por jovens, instigou o desenvolvimento deste trabalho.

Partindo-se da idéia de que a escola pode atuar contribuindo para inverter este quadro, são feitas algumas análises em torno da educação que pode favorecer para minimizar esta problemática.

A educação enfatizada, muito além da instrução e capacitação profissional, visa a integração e atuação do indivíduo em sociedade. Para isso considera-se que as particularidades do aluno são importantes, tendo em vista essa interação social.

A formação que se busca tem como uns dos objetivos tornar o violento, o injusto menos comum, menos natural e transformar a realidade obscura em algo que necessita de ações dignas que neguem o desumano.

São destacados fatores relevantes nesse processo educacional, que podem levar o aluno a um maior esclarecimento do seu cotidiano, da realidade do outro e do que pode facilitar em seu bom convívio, em sua integração e ação favorável no meio social. Muitos aspectos que influenciam condutas e na formação individual são considerados como : liberdade, valores, influências e reflexão.

As influências a todo momento estão presentes no dia-a-dia dos indivíduos. Nessas está o que favorece a vida e aquilo que se busca nela, como o contrário , o que dificulta a vida e torna distante se alcançar o que se objetiva. Assim, idéias e análises a respeito da Ética são mencionadas e articuladas, na intenção de se demonstrar que para viver da melhor maneira possível é fundamental refletir sobre o que está diretamente ligado a ela, como escolha, vida e respeito.

Permeia todo trabalho a idéia de que é essencial o ato de se expressar e refletir para formar cidadãos autônomos, críticos e conscientes de suas escolhas.

INTRODUÇÃO

Enquanto a causa da violência praticada pelo homem é explicada partindo-se da carência econômica, o argumento maior para minimizar esta problemática cai sobre a necessidade em se melhorar as condições de vida dos que vivem na miséria e estão à margem da sociedade.

Além da melhoria financeira, permitindo condições básicas para a sobrevivência e dignidade, um outro ponto muito mencionado, dando suporte ao econômico, é o da educação para instrução, conscientização e um futuro promissor no mercado de trabalho.

Entretanto, ao se analisar atitudes violentas de jovens e adolescentes, sobretudo daqueles que possuem um certo poder aquisitivo, o enfoque de análise precisa ser modificado. O interesse pela temática – VIOLENCIA, ESCOLA e ÉTICA - partiu do contato com diversas reportagens nos noticiários brasileiros à respeito da violência praticada por jovens. A última mais enfatizada delas, que provocou revolta e indignação em toda sociedade brasileira, foi o crime ocorrido em abril de 1997, em que cinco jovens (entre 16 e 19 anos) “bem nascidos”, puseram fogo no índio pataxó Galdino Jesus dos Santos.

Com intenção de se divertir, escolheram um mendigo que dormia num ponto de ônibus. Compraram dois litros de álcool num posto de gasolina e depois de uma hora e meia derramaram o combustível devagarinho no índio, começando pelos pés, depois pela perna, até o tronco. Acenderam palitos de fósforo. O grupo de cinco rapazes ficou ali parado, chocados.

Só quando o índio Galdino acordou, começando a se debater em pânico entre labaredas, eles saíram correndo.

“ Os meninos assassinos desculparam-se pela morte do índio dizendo que foi um “engano”. Pensaram tratar-se de um mendigo. Era. Um mendigo índio. ” (VEJA, 1997 -p.28).

Ao se pensar na formação de uma pessoa , é necessário considerar muito do que influencia nesta formação. Não se pode atribuir à instituição educacional a responsabilidade pela formação plena dos alunos.

Sabe-se que a família tem grande papel na função de formar; os meios de comunicação e a sociedade de forma geral muito interferem nesta prática, como o fator econômico que pode favorecer ou até dificultar.

Ao se considerar que o grupo, a “turma” modifica as atitudes das pessoas, que isoladamente tomariam outra, se tem mais um aspecto para se considerar.

Rubem Alves, num artigo para o jornal Correio Popular, de Campinas, afirmou que :

“A “turma” cria um delicioso sentimento de fraternidade. Todos se confirmam. Todos fazem as mesmas coisas juntos. Todos são “conspiradores”. Mas, ao fazer isso ela tira dos indivíduos isolados o senso de identidade. Sem a “turma” o adolescente é um rosto sem espelho. Na “turma”, indivíduos respeitáveis e tímidos isoladamente se transformam em feras imorais. São as “turmas” que lincham. Individualmente, todos somos seres morais. Na “turma” a responsabilidade pessoal desaparece. A “turma” é a lei. Ela impõe. A “turma” decide sobre roupas, tênis, boites, música, fumo, cheiro, transa. Ai daquele que desobedece.”

Podem ser analisadas a violência e suas causas, desta forma, a partir de diversos aspectos ou considerando muitos deles : a família, a situação econômica, a educação, meios de comunicação, grupo, falta de identidade, de espiritualidade, de limites, de moral, de ética, vazio interior, etc.

A violência é fato, mancha a sociedade e não pode ser desconsiderada.

Existem diversos assuntos que podem ser trabalhados nas escolas. De acordo com cada realidade escolar se pode desenvolver um ou outro. Acontece que a violência se mostra cada vez mais, ameaçando os indivíduos de forma a colocar sobretudo os educadores em alerta. Por isso é um assunto que talvez deva se trabalhar em todas as escolas.

“... violentar o homem é arrancá-lo da sua dignidade física e mental. Na verdade, a violência devia ser um anacronismo entre homens desde há tanto tempo doutrinados para o respeito pela vida e pelo semelhante. Isto só mostra, contudo, a inutilidade das doutrinações - principalmente quando são de uma tal hipocrisia que faz compreensível o nível atual da agressividade irracional.” (MORAIS, 1981 - p.25)

Tal fato esclarece em mais um ponto a necessidade de se trabalhar com temas que instiguem a criticidade e posicionamento dos alunos frente a problemáticas que aos poucos vão sendo levantadas. De nada vale o doutrinamento, a imposição de conceitos que são incutidos nos alunos, que apenas podem favorecer para uma maior alienação deles.

O tempo todo é necessário escolher, questionar, comparar e refletir frente a situações do dia-à-dia; e para se agir de maneira coerente com a que se acredita e não ser “levado” pela força de argumentos ou acontecimentos que nem mesmo se pensou, é fundamental se acostumar a se posicionar com argumentos próprios, pois quando habitua-se em pouco refletir, muitas vezes nem se descobre no que de fato se acredita ou prefere.

“... O cotidiano mostra-lhes a ditadura que os meios de comunicação pela imagem exercem, uma vez subvertidos por espúrios interesses econômicos. Este autoritarismo se baseia nas chamadas técnicas de persuasão; isto é : o invasor invade, inferioriza com “doçura” o invadido e este acaba ainda confusamente grato ao invasor. Agora, se isto não põe obstáculos a que um povo encontre seus genuínos valores, nada mais tem lógica ou sensatez.... Ou aceitamos que a tirania do capital utiliza e muito os meios de comunicação social, tirando disto todas as conseqüências, ou vamos ficar discursando inutilmente sobre vagas origens da violência.” (MORAIS,1981 - p.60)

A liberdade de escolha é enfraquecida pela sutil imposição de valores à favor do capital. É comum a televisão, por exemplo, colocar como sendo ideais tais valores. Há, portanto, uma inversão desses valores quando o ter

se sobrepõe ao ser. Um exemplo bastante claro deste tipo de influência pode ser visto em diversas propagandas e programas televisionados.

Há alguns anos atrás foi veiculada pelas emissoras de televisão a propaganda de uma tesoura para uso infantil. Uma criança aparecia com a tesoura repetindo diversas vezes : “ eu tenho, você não tem ! ...” . As crianças que podiam obter a tesoura, ao adquiri-la provocavam outras que não tinham o produto, repetindo a mesma frase da propaganda : “ eu tenho, você não tem ! ”

Claramente se mostra a inversão de valores, onde predomina quem tem condições para adquirir um bem material.

Esse valor é tão sutilmente “absorvido” pelas pessoas, que os pais achavam graça em verem seus filhos imitando a criança da propaganda, ou argumentando que como outros colegas, também queriam a tesoura. Tudo isso é encarado como natural, sem se dar conta do que está por traz.

Desta forma, este trabalho não pretende impor unicamente sobre a educação escolar o peso da formação dos indivíduos, já que se tem com muita clareza a idéia de que a escola é apenas uma “fatia” do todo que intervêm na educação, formação e atitude das pessoas.

“ Toda a sociedade está encarregada de educar os seus filhos, sendo que cada setor o fará dentro de uma certa especificidade. Com isto estou querendo dizer que a tarefa educativa é da competência e da responsabilidade da família, das igrejas, das comunidades de bairro, das assembléias do povo, da estrutura policial e jurídica, etc. ... Toda ou quase toda a sociedade, com seus meios de comunicação, deseduca ou deixa de educar, passando a exigir que a escola dê conta de toda a tarefa educativa. ”
(MORAIS, 1982 - p.41)

Não cabe só a escola, entretanto, tendo esta grande influência sobre a formação dos alunos, já que estes passam horas diárias no ambiente escolar, ela pode atuar, no que se refere a favorecer no desenvolvimento ético dos alunos.

Ética é um termo que varia de acordo com enfoques filosóficos, tempo, lugar e sociedade. Mas em linhas gerais pode se considerar que agir

eticamente é agir de acordo com o bem, para tornar a vida mais humana e livre.

Numa entrevista concedida à emissora de televisão Rede Vida, o educador **Paulo Freire** (em 22/04/1997), falou entre outros assuntos, sobre a educação. O entrevistador questionou Freire, dizendo que talvez se houvesse mais respeito aos professores, não haveria índios incendiados, se referindo ao índio pataxó queimado pelos cinco garotos. Freire respondeu nesses termos :

“Possivelmente. Eu não queria encarar essa barbaridade que estes “gentificados” moços de Brasília fizeram. Eu não queria dizer que a razão exclusiva, única está na educação, não, não está só aí, mas não há dúvida nenhuma de que a gente precisa em casa, na rua, na televisão, no trato entre empregado e empregador, revelar o respeito, a ética. A gente tem que viver nos limites dos nossos direitos. O Brasil não se constrói ou reconstrói na sociedade, no sentido de uma vida melhor e mais decente sem a ética.”

Considerar o outro, realidades diferentes, compreender a causa da pobreza, sentir a diferença pela reflexão e não pelos dizeres do senso comum e pré julgamentos, talvez modifique pensamentos e atitudes destrutivas. Pobreza não significa falta de valor e dignidade, é necessário que se entenda.

Como diz **Márcio Santilli**, ex-presidente da Funai:

“... uma parcela da elite, consciente ou inconscientemente, tem dificuldades para conviver com os excluídos sociais.”(ISTO É, 1997 - p.23)

Colocar o aluno para refletir, debater e sentir outras realidades, com o objetivo maior de levá-lo a desenvolver a ética, sendo esta a fundamentação dos valores de cada um, talvez seja uma estratégia para minimizar a violência de jovens e adolescentes na sociedade.

Esse enfoque - Ética na Educação Escolar - supõe enfatizar um tipo de educação que visa formar um determinado indivíduo.

Desta forma, a primeira parte deste trabalho analisará idéias educacionais voltadas para educação que se julga essencial, ou seja, que se destaque a realidade vivida fora do ambiente escolar, que traga para o aluno maior esclarecimento da realidade do outro, do seu cotidiano e outros aspectos que o levem ao bom convívio, à integração e sua ação favorável em sociedade.

Na segunda parte, se conceituará a Ética, assim como se tentará responder ao questionamento de qual a importância de se centrar no desenvolvimento ético dos alunos no processo educativo.

O OBJETIVO DA EDUCAÇÃO ESCOLAR

Existem muitas correntes educacionais. Cada uma delas direciona sua análise enfocando uma área específica, na intenção de apresentar a teoria pedagógica. Para algumas, o objeto de análise é o aluno; para outras, o educador; algumas são psicológicas, como a de **Jean Piaget**, outras mais sociológicas. A que se pretende relacionar neste trabalho está mais direcionada para o campo da filosofia.

Será trabalhada aqui a concepção que o filósofo inglês **Herbert Read** expõe em várias de suas obras, como "A Educação pela Arte" e "A Redenção do Robô".

Muitas teorias podem somar com a que será aqui apresentada. Entretanto, serão analisadas teorias e idéias compatíveis com a que se julga relevante. Entre outros aspectos, a educação que será aqui enfatizada, visa muito além da instrução e capacitação profissional, visa a integração e atuação do indivíduo na sociedade. Para isso considera as particularidades do aluno importante, tendo em vista sua interação social.

" A educação deve ser um processo, não somente de individualização mas também de integração que é a reconciliação da singularidade individual com a unidade social. Sob este ponto de vista, o indivíduo será "bom" na medida em que a sua individualidade se realiza dentro da totalidade orgânica da comunidade."(READ,1956 - p.18)

Read analisa a tese sobre educação formulada por Platão. Sua obra "A Educação pela Arte" traduz a opinião que este filósofo tem sobre a função da educação.

Os dois objetivos antagônicos da educação, segundo Read são: ou formar para ser o que não é, ou formar para ser o que é. É essa segunda concepção, voltada para a singularidade, que ele vai desenvolver. Mas não

numa dimensão individualista, mas numa perspectiva social, onde a coletividade é uma reunião de singularidades que se articulam e se completam.

O importante, portanto, é o desenvolvimento individual do aluno para sua atuação no social. Se a educação atua de forma a integrar o indivíduo socialmente, esse agirá como alguém que exerce sua cidadania. Nesse sentido, a educação deve fazer a discriminação entre boas e más inclinações e por isso, além de sua função criativa, deve ter também uma função de reprimir, acabar com o que não leva o indivíduo a ser um “bom” cidadão.

Isso não significa que a ação também deva ser autoritária; não, a ação deve ser libertária. Para isso, é necessário que se desenvolva com o indivíduo qualidades positivas que eliminam seus opostos.

O objetivo geral da educação, para ele, é desenvolver o que é essencial em cada ser humano, harmonizando o individual com o grupo social ao qual o indivíduo pertence.

Outra obra de Read - “A Redenção do Robô” - possibilita uma reflexão, uma tomada de consciência acerca de uma concepção revolucionária de educação.

Retomando a idéia de que a singularidade de cada indivíduo deve ser considerada, deixa claro que a natureza humana é diversificada. Assim, qualquer tentativa, seja por educação ou por coação, de eliminar as diferenças entre as pessoas, poderia frustrar a disseminação natural da raça humana. Em sua visão não é objetivo da educação eliminar o conflito entre as vontades individuais, pois o conflito é inerente à natureza biológica.

A diversidade e o conflito favorecem na transformação e no aprendizado. Não se pode escolher, nem modificar quando só se vê um caminho, quando se desconhece alternativas e idéias diferentes. Respeitar pensamentos distintos é favorecer um desenvolvimento saudável, onde cada um pode da sua maneira descobrir-se enquanto ser individual e social.

A primeira mudança necessária no educador é focar a singularidade do indivíduo para que a interação ocorra de forma positiva - na família, na escola, na própria sociedade. Nessa singularidade, deve ser ressaltado aquilo que enfraquece o sentimento de ódio, por exemplo, que leva ao crime, à infelicidade e ao antagonismo social, fortalecendo o amor, que assegura a solidariedade, felicidade individual e paz social.

“ Uma sociedade só pode funcionar harmoniosamente se os indivíduos que a compõem são pessoas integradas, ou seja, pessoas cujo crescimento físico e mental esteja completado, de forma que sejam íntegras e sadias, e por essa mesma razão competentes para se oferecerem ajuda mútua”. (READ,1986 - p.32)

Considerando a primeira infância de extrema importância, já que os anos que a precedem têm sua influência, o autor se detém um pouco nesta fase. Embora mencione a psicanálise na intenção de fazer algumas relações, não se aprofunda no tema, nem mesmo entra muito na questão de sua influência na educação.

A primeira infância tem como característica básica a dependência que a criança tem dos pais ou do outro. Nessa dependência os pais tendem a dedicar muita afeição, o que não garante eficácia na educação, já que a criança pode ficar mimada. Nesse jogo, a criança é introduzida não armada de poderes de resistência, ou seja, não tem como se proteger contra a consequência desse excesso de atenção.

“O pequeno ser humano é freqüentemente um produto acabado aos quatro ou cinco anos, e apenas gradativamente revela, anos mais tarde, o que jaz nas suas profundezas.”¹

¹ FREUD, “ Introductory Lectures on Psychoanalysis (Londres, 1922, p. 33) Apud READ, “A Educação pela Arte “, p. 298.

A criança se vê, nos primeiros anos, numa encruzilhada de reações instintivas que envolvem amor e ódio, pelo mesmo objeto, gerando insegurança e ansiedade. Para viver com segurança e satisfação, há um instinto de reprimir o ódio. O que é importante ser dito, e que a psicanálise ressalta, é que na infância a criança já entra em contato com diversos sentimentos e impulsos agressivos, ciúmes, irritações, maus modos e egoísmos que a educação moral tem como propósito transformar.

Freud acredita que a criança deve aprender a controlar seus instintos. A função portanto da educação é inibir, proibir e reprimir. Entretanto reprimir demais pode causar neurose. É necessário o equilíbrio entre deixar os instintos à vontade e o ponto de frustrá-los. Considerando as diferenças individuais não se pode aplicar a mesma conduta para todas as crianças. É importante descobrir o quanto proibir, em que momento e por que métodos.

O psicanalista enumera algumas tarefas do educador, como:

a) reconhecer as aptidões de cada criança; b) avaliar a partir dos menores indícios, o que se passa em sua mente ainda não formada; c) dar-lhe a quantidade certa de amor; e, ao mesmo tempo, d) preservar um grau efetivo de autoridade.

Freud não se aventura a delinear um método bem sucedido de educação. Ele tende a jogar essa carga sobre o educador como indivíduo. Coloca uma possibilidade adequada na relação entre professor e aluno.

Já **Read** acredita que qualquer solução para problema deve substituir a repressão autoritária pelo que permite a expressão, ao mesmo tempo assegurando que essa liberdade não prejudique o indivíduo nem a sociedade. Essa deve ser a conduta de qualquer educador.

Quanto ao professor, este é, na escola, importante como o pai no ambiente familiar, além de fazer a mediação entre o indivíduo e o mundo exterior.

A criança pode colocar o professor como modelo ideal. Isso pode permitir ao professor realizar o que se denomina "formação de caráter" -

exercer influência no que se refere ao aspecto psicológico da criança e desenvolvimento de qualidades em seu modo de ser, sentir e agir.

Infelizmente, na educação da criança muitas vezes pais e professores são severos e rigorosos, como seus pais um dia foram com eles. O bom professor tem que romper esse círculo vicioso e ter uma relação pessoal com o aluno, baseada em amor e compreensão; não tentar impor concepções arbitrárias de “bom” e “mau” que a criança muitas vezes não entende, não premiar ou castigar, reprimir ou inibir. Pelo contrário, tem que estabelecer um relacionamento de reciprocidade e confiança, de cooperação entre ele e o aluno. Pode ser notado nesses termos, a distinção entre a educação para ser o que não é, e a educação para ser o que é, comentada por Read.

O professor pode se colocar no lugar da criança. Ela não pode se colocar no lugar do professor. O professor vê a situação dos dois lados; só assim aprende a distinguir e antecipar as necessidades reais do aluno. Somente assim pode fazer o que Freud acredita ser o melhor: reconhecer as aptidões da criança, entender sua mente, amá-la e preservar autoridade efetiva sobre ela.

A relação entre o grupo pode ser pessoal e harmoniosa. Pode-se evitar o ato coercitivo de moralidade, toda concepção formal de certo e errado; substituir a moralidade baseada na obediência pela lealdade. Professores necessitam estimular as crianças a desenvolver suas próprias atividades cooperativas e espontaneamente desenvolver suas próprias regras e não ditá-las.

A disciplina não será imposta, mas descoberta, como forma de ação correta, moderada e harmoniosa. A disciplina da arte neste sentido talvez seja a mais importante, pois é a única a que os sentidos se submetem naturalmente, na visão de Read. E ela é inata. A arte transborda a criança para fora de si mesma. A criança rabisca se expressando, querendo se comunicar e muitas vezes recebe indiferença; essa pode ser a raiz da desintegração social.

“É o homem, como um todo, que está espiritualmente doente, e não podemos fazê-lo sentir-se bem se reprimimos este ou aquele aspecto da sua existência diária. Ao mesmo tempo, é otimismo demais ter por certo que uma revolução social qualquer carregará todas as formas necessárias em seu bojo. É a própria relação do homem com a sociedade que está errada, e nenhuma das formas de sociedade hoje vigentes ou em perspectiva tenta mudar essa relação.” (READ, 1956 - p. 35)

A educação necessita ser vista com tudo que a influencia , não de forma isolada somente.

A partir dessas colocações de Herbert Read, pode-se fazer algumas considerações.

A família, os meios de comunicação, a escola, a sociedade de forma geral, constantemente exercem influência sobre os indivíduos. Estimular o ato da reflexão e a criticidade são fundamentais para qualquer indivíduo.

Nas relações passam-se valores, trocam-se idéias. Considerando as diferenças de cada um, a singularidade humana, não se pode esperar que todos acreditem nas mesmas idéias, nas mesmas verdades. Não se pode esperar que o educador trace condutas certas e erradas para que os alunos sigam. De acordo com concepções, princípios , cada um vai estabelecendo seus próprios valores, assim o que é certo para um, não o é para o outro.

Entretanto, sabe-se o que é favorável à vida . Partindo-se desse ponto, o educador deve lançar várias diretrizes , procurando instigar o aluno a refletir e se posicionar a partir de suas individualidades. Só não pode cair no extremo oposto, ou seja, ao invés do aluno aceitar tudo, passa a criticar qualquer coisa sempre. É necessário que tenha um olhar crítico, mas suas posições têm que ter fundamento.

Alguns críticos, como **Paulo Freire**, afirmam que as escolas são condicionantes, já que são usadas para conquistar as mentes daqueles que influenciam.

"Assim, a educação condicionante parte do pressuposto de que todo ser humano principia imaturo e precisa amadurecer para ajustar-se à sociedade civilizada. Todavia, o significado que é dado a "amadurecer" é curioso. Com este verbo procura-se dizer que o homem deve ser orientado para afastar-se dos seus interesses naturais e passar através de um VENTRE social que o adequie aos interesses dos seus maiores. Sendo assim, a socialização que a escola consegue passa a ser sinônimo de perda da espontaneidade e de despersonalização das relações. " (MORAIS,1992 - p.57)

Para se desprender desta tendência da escola, a observação sobre os interesses dos alunos, no que expressam, no que anseiam, deve ser o primeiro passo para direcionar a conduta do educador. Para ele não moldar os educandos de acordo com seus princípios nem sufocá-los, a observação - como também a conversa e o debate - são metodologias eficazes. O educador precisa estar aberto e tentar se colocar numa posição de imparcialidade.

Se um dos objetivos da educação é estimular a reflexão para tornar o aluno crítico para se posicionar com suas próprias idéias, tendo em vista maior liberdade, partir da observação e do diálogo é uma maneira também de se colocar conceitos a serem desenvolvidos.

Não se impõe regras, lançam-se conceitos vários, em vista do objetivo da educação que se deve ter com extrema clareza, para se estabelecer métodos pertinentes que permitam alcançá-lo. Os temas a serem trabalhados podem ser estipulados em conjunto pelo professor e pelos alunos, ou só pelo primeiro se for coerente com o objetivo que pretende.

Por exemplo, o professor pode desenvolver um tema que trabalhe as diferenças entre as pessoas quando achar pertinente, já que é fundamental

trabalhar com este conceito. Saber lidar com as diferenças é relevante para que o indivíduo não se ache em desequilíbrio e tome atitudes destrutivas.

Com diversidades se vive o tempo todo e somente compreendendo este fato é que se pode respeitar o semelhante. Cada um tem sua individualidade, o que pressupõe a diversidade na sociedade, na família, entre amigos, enfim onde existam pessoas. Isso não significa que um indivíduo seja melhor que o outro, é apenas distinto.

Tendo como base o respeito pelo outro e a dignidade de cada um, a escola necessariamente tem que trabalhar desde a infância as diferenças (sociais, econômicas, físicas, etc.) entre as pessoas. Quando se olha para o outro com respeito, sem achá-lo inferior por ele ser diferente ou ter outras condições de vida, é um bom começo para se desenvolver a Ética como o fortalecimento de valores e a Cidadania. O contrário pode corromper um indivíduo. Por exemplo, olhar para um mendigo, achando que pode ser eliminado por ser pobre, por estar sujo, dormir na rua, ou seja, por se distanciar do se acredita ser, da realidade em que se vive e conhece, demonstra absurda indiferença por este ser humano, falta de compreensão de outras vivências, de comprometimento com o outro, com a vida, entre tantas outras faltas.

Tendo o professor o poder de influência direta sobre o aluno, podendo ser facilmente encarado como “modelo ideal”, pode “lançar” alguns conceitos para os alunos refletirem sobre eles. Mas, normalmente tem a tendência de passar seus valores e ideais como sendo os mais verdadeiros e corretos. Talvez não se consiga ser imparcial; entretanto o professor precisa ter a consciência de que o necessário é buscar a imparcialidade e trazer discussões e debates para a sala de aula, para que juntos professor e aluno formem ou mudem de idéias.

Cada um tem o direito de chegar à sua própria opinião. O importante é trazer para o ambiente escolar temas que permitam a reflexão e posicionamento do aluno. Para isso se tem que ter claro aonde se pretende chegar, como já foi mencionado, e a partir daí articular meios propícios e determinar temas relevantes para a formação do aluno que se almeja.

Para se debater um assunto em sala de aula, não precisa ser somente entre adolescentes e jovens. As crianças também necessitam dessa mesma metodologia. Juntos o professor e as crianças podem estipular condutas certas e erradas com explicações pertinentes, como também refletir sobre qualquer assunto que seja importante para sua formação e atuação. Logicamente que a maneira de se conversar e debater com a criança tem que ser numa linguagem acessível, específica para sua capacidade de compreensão.

Quase sempre é possível que as crianças, a partir de uma certa idade, (não se pode dizer com precisão a idade pela diversidade entre elas) possam entender explicações dadas pelo professor e formulem suas próprias.

Entretanto, algumas coisas as crianças não têm a possibilidade de escolher e compreender. Muito pouco deve a elas ser imposto, somente aquilo que realmente não forem capazes de por si mesmas resolverem, nem mesmo com ajuda.

A prática educacional tem suas dificuldades. Nem sempre há possibilidade de se fazer tudo da forma mais democrática e correta, por exemplo. Mas quando se busca a cada tempo atuar de forma mais adequada, menos erros se comete. A pressão sobre o educador é grande. Ele precisa conhecer o aluno; ter bom senso para discernir o quanto permitir e o quanto proibir, e quando proíbe é sempre necessário explicar o motivo; ter autoridade, mas não ser autoritário; ter uma relação afetiva e próxima do aluno, enfim, são tantas as imposições que caem sobre o professor que não é fácil ele ser sempre correto, mas é imprescindível que ele busque sempre o ser.

Na educação as dificuldades se mostram também no que se refere a fatores extra-escolares (como o familiar e o econômico) e fatores intra-escolares (como desvalorização dos professores e a deficiência na formação destes); ambos interferem na formação dos discentes.

As dificuldades são muitas. Ao se pensar no conteúdo programático de algumas escolas, se nota grande valorização na quantidade de conhecimentos e no ato de memorizá-los. Facilmente se vê questionários que não exigem a compreensão do texto estudado, somente a cópia das respostas que já estão prontas no interior do texto.

Na área de língua portuguesa, a ênfase é maior na gramática do que no entendimento e interpretação de textos. Na área de história, a fixação de datas e o destaque de heróis são quase sempre fundamentais. A matemática é mais mecânica e de fixação, sem revelar sua possível utilidade ou trazer para o dia a dia.

Quando a história é estudada desvinculada do passado, sem trazer reflexões, passa a ser memorizada e logo é esquecida. Por exemplo, houveram motivos que desencadearam a Revolução Francesa, que ocorreu no final do século XVIII. Luis XV morreu e deixou a seu neto Luis XVI um país desorganizado e mergulhado em dívidas. A miséria do povo era bastante notável. Ao se estudar a Revolução Francesa, entretanto, não basta saber em que época se deu, nem tão pouco alguns fatos como os mencionados. É necessário saber o que antecedeu a Revolução, que não é um fato isolado de outros acontecimentos históricos, mas contínuo.

“Onde está a vida que perdemos ao viver?”

Onde está a sabedoria que perdemos no conhecimento?”

(ELIOT)

A escola muitas vezes enfatiza o que não é o fundamental, tanto no que se refere a conteúdos quanto às exigências que os professores impõem aos alunos.

Ao se estabelecer um objetivo, utiliza-se meios que se julga necessário para alcançá-lo. Talvez para se passar no vestibular seja necessário decorar fórmulas e datas; mas também é possível aprender o conteúdo necessário para a formação que a instituição educacional valoriza onde se pode incluir datas e fórmulas, mas não como prioridade.

O que acontece é que as escolas estão perdendo de vista a formação pessoal do aluno. Saber refletir, saber escolher, saber se expressar, respeitar o outro e a si próprio, interagir, transformar o que é injusto: é o que deve ser prioridade de qualquer educação.

Se é enfatizada uma educação para se ter somente acesso ao mercado de trabalho e *status* social, o que pode gerar sem grandes esforços é a competitividade irrestrita, a discriminação entre os que têm posição social e os que não têm, sendo os primeiros encarados como aqueles que “são alguém” e os demais tidos como inferiores.

“ Algo que hoje vamos vendo, com funda melancolia, é as pessoas gastarem de suas vidas cerca de vinte anos em estudos - computando-se sua trajetória desde a escolaridade elementar - para se tornar capazes de discriminar, de odiar, para engajar-se em lutas sociais onde contam todas as armas e truques, menos a força da dignidade e do respeito pelo humano. Discriminar elegantemente, odiar em nome de conceitos científicos, viver julgando pessoas e situações a partir de acanhados modelos que se dizem modernos e resultantes de um saber objetivo.” (MORAIS,1982 - p.13)

Felizmente o ser humano sofre muitas influências, o tempo todo. Ninguém e nenhuma instituição é responsável pela formação de uma pessoa inteiramente. Mas se omitindo frente a atitudes negativas se é cúmplice, se manifestando contra se está tentando uma mudança.

Sabendo da existência da violência cometida por jovens, do descaso pelo outro, da falta de atitude frente a injustiça, frente ao que diretamente não os atinge, qualquer um tem que atuar, inclusive a escola, já que para ela essa possibilidade se coloca diretamente.

De forma absoluta a transformação nunca é garantida. Entretanto, quanto mais se brigar pelo que é favorável à vida, ao bem comum, ao que é mais justo, com maior convicção se exigirá atitude digna do outro. Essa sempre será cobrada, porque supõe-se que embora se sofra influências,

cada um é responsável pelos seus atos, ainda mais quando se pode escolher.

Não se pode acreditar que jovens entre 16 e 19 anos não sabiam o que faziam quando incendiaram o índio que dormia ao relento.

“Fortemente condicionado pelas pressões todas que sobre nós se exercem, nem por isto posso aceitar que estamos por elas determinados. Enquanto houver uma possibilidade de opção, uma escolha, não poderei falar de determinismo. E é por esta razão que a última instância quem responde pela minha ética sou eu mesmo. Por a culpa de tudo que eu sou e faço no meio, apenas no meio não passa de um jeito arranjado para aliviar a consciência e tornar mais cômodo o meu relaxamento pessoal.” (MORAIS, 1982 - p.16)

Régis de Moraes analisa o papel que ainda cabe a escola. Menciona o fato de que é fácil visualizar o que não se quer e não se deve aceitar nas escolas, havendo mais críticas com relação à atividade das escolas do que sugestões de caminhos.

Não havendo fórmulas prontas à se seguir, é necessário refletir sobre algumas possibilidades para se enfrentar dificuldades.

Questionar a função da escola, é questionar também o que ela favorece ou dificulta formar. Se dificulta o que foi pré estabelecido como meta, não há vantagem, tem que se rever as atividades e metodologias desenvolvidas na escola.

Moraes salienta o alerta de **Paul Lengrand**, que escreveu que :

“ A maior parte dos sistemas escolares e universitários existentes hoje em dia estão perfeitamente ajustados para produzir um tipo de indivíduo que assimile, como verdades reveladas os mitos e as referências coletivas. O que o poder constituído mais teme é a curiosidade de espírito. É este ânimo de interrogação que faz autônomo o filho, democrático o cidadão e adulto o homem, indivíduo por definição pouco dócil, difícil de doutrinar e

capaz de depender de si mesmo, de suas opiniões para decidir e fazer uma escola definitiva.” (MORAIS, 1982 - p.41)

Uma relação desigual em sala de aula por exemplo, onde o aluno aprende a ouvir e respeitar e o professor estabelece o que é certo, não favorece a visão crítica do mundo. Quando se acostuma a ouvir a verdade sempre do outro e nunca se posicionar, mais difícil será vivenciar a cidadania, escolher e atuar pelo que se acredita.

Além disso, considerar o que o aluno traz, é respeitar sua cultura, é não subestimá-lo. O professor também aprende muito com os alunos.

Favorecendo o posicionamento do aluno, ele se percebe como um todo, que pensa, sente, reflete, age e é capaz de ir cada vez mais além, o que abre espaço para sua imaginação e criatividade.

“... ao se procurar a instalação da criatividade como um grande valor educacional, não se estará negando outros valores ou menosprezando-os. No entanto, sempre que valores forem apenas transmitidos, sem o devido apreço à liberdade de valoração do educando, isto há de significar opressão e desrespeito ao direito de crítica, e há de funcionar como fonte geradora de conflitos sérios.” (MORAIS, 1982 - p.62)

A liberdade de expressão é primordial para que o aluno se sinta agente do processo histórico. Problematizando, questionando e se posicionando, vai pouco a pouco percebendo que tem condições de agir e transformar a partir de suas idéias. Para isso, nas escolas a relação entre educador e educando tem que ser menos opressora, mais aberta a debates e conversas.

Para **Snyders** existem duas possibilidades que ele não quer para a escola que acredita ser a ideal: a doutrinação e o nada dizer. Quanto ao nada dizer, relata :

“ É muito pouco dizer que a verdade não deve ser imposta; forçar uma personalidade, aprisionar uma alma é tão grave como violar um corpo, aprisionar um corpo; é preciso dizer que o verdadeiro não pode ser imposto, o que se coloca nos espíritos, não é mais o verdadeiro, mas uma “coisa” fixa, inerte. O conformismo no qual o aluno imita, copia, reproduz mecanicamente, diz desse modo para ser bem visto pelo professor, que pensa que assim faz de modo algum avançar no caminho da verdade... . Minha escola dirige-se a todos, é aberta a todos e trata de formar para a liberdade. ” (SNYDERS, 1988 - p.233)

Quando o autor menciona a escola que nada diz, está se referindo àquela que não toca os alunos em seu íntimo, não os leva a tomar iniciativas, assumir responsabilidades, a cooperar, aprender a tornar-se mais. Tal escola não conduz à satisfação.

“Silenciamos sobre as questões que apaixonam o mundo, que poderiam apaixonar os alunos, forjamos instrumentos mas que se destinaram a serem usados neste famoso “ mais tarde” , e, aguardando os anos escolares correm o risco de se desenvolverem no abatimento, sem que se passe algo de importante.” (SNYDERS, 1988 - p. 234)

Há no indivíduo uma força íntima imersa em correntes de influências. Ela se situa numa encruzilhada de pressões e ações.

Não basta diminuir a repressão, diz Snyders, para o indivíduo tornar-se livre; seu desejo certamente é individual, mas não é nada além de “reflexão” individual formada pelo social e cultural.

O autor vai além, dizendo que a orientação escolar pode levar o aluno a tomar consciência da pluralidade de opiniões como compreender que não se “escolhe livremente” o racismo ou o anti-racismo, como se escolhe um doce ou outro segundo sua vontade. Tomar consciência das influências que fazem pender para uma ou outra posição, como o fato de ser de uma determinada família, de determinada classe social, enfim, razões para

ratificar ou questionar, constituem os primeiros esforços em direção à liberdade.

Lobrot analisa os fundamentos da liberdade. Para ele, a liberdade é afirmação do desejo que não é algo espontâneo, determinista, passa pela consciência tem influência do meio social. Pela repressão “se quer” agir, mas na verdade não se deseja a ação. Portanto a liberdade é ausência de coerção.

Ressalta a imprevisibilidade dos acontecimentos, o que exige uma escolha. Primeiro as alternativas são iguais e num outro momento ocorre a diferenciação das alternativas, onde se operam as escolhas. Esse tempo entre as alternativas iguais e a escolha é extremamente importante, é o tempo que se chama de pesquisa ou o que Freinet chamava de “tateamento experimental”. O prazer e a dor, físicos e morais, definem-se pela pesquisa.

“... a dor surge quando sobrevêm no organismo um acontecimento que está normalmente presente quando o ato de pesquisa ativa está ausente, dizendo de outro modo, que “significa” esta ausência e a torna manifesta. A dor nada mais é do que a tomada de consciência desta ausência.” (LOBROT.1977 - p.151)

A partir desta idéia, pode se dizer mais uma vez da importância da reflexão e conscientização para se escolher e agir.

Talvez possa se dizer que a imposição de “verdades” - o doutrinamento - a falta de consciência, da diversidade de conceitos, o impedimento do ato de se expressar, enfim, a falta de tudo que pode levar à liberdade, possivelmente demarca atos destrutivos e até à ausência do que se denomina caráter.

Ao se passar princípios a serem assimilados sem se incitar a reflexão e o entendimento, dificulta-se uma ação favorável do indivíduo, ou seja, ele pode agir de acordo com o que os outros esperam por influência e não por reflexão e convicção.

Quando há possibilidade de escolha, supõe-se uma liberdade que nem sempre se mostra em todas as suas formas. Muitas vezes o que é influência no momento da ação torna-se maior do que foi um dia transmitido, inculcado.

No livro - Diálogo com **Paulo Freire** - de **Carlos Alberto Torres**, há algumas colocações que Freire faz com relação à libertação.

É feito um questionamento a ele, a respeito da educação que serve principalmente para domesticação das pessoas ou para sua libertação, como ele relata no livro "Pedagogia do Oprimido". Freire responde nestes termos :

"... mesmo que nós não percebamos, nossa práxis , como educadores é para a libertação do homem, sua humanização, ou para a domesticação do homem, sua dominação. Exatamente por isso, acho muito importante deixar claras as diferentes formas de ação no campo da educação, para que haja, assim, uma possibilidade clara de opção. Se escolho realizar uma ação libertadora, humana, é necessário que sejam absolutamente claros, para mim, o método, as técnicas, os processos a serem utilizados quando eu estiver diante dos educandos. Nós geralmente acreditamos estar trabalhando pelo homem, isto é, com os homens para sua libertação, para humanização. Entretanto continuamos usando os mesmos métodos que impedem o homem de ser livre." (FREIRE, Paulo 1979 - p. 29)

Para Freire, é possível engajar a educação no processo de humanização e de construção da sociedade democrática, partindo-se da conscientização, onde vem a ser de extrema relevância o diálogo crítico e a convivência. Pensa de um modo dialético onde teoria, prática e método formam um todo guiado pelo princípio da relação entre o conhecimento e o conhecer, constituindo uma teoria do conhecimento, onde o saber tem um papel emancipador.

Célestin Freinet, nesta mesma linha, coloca que a inadaptação da escola vem a ser o primeiro obstáculo a se vencer no processo de

democratização do ensino. Não bastam apenas reformas estruturais, mas é necessário uma ação no plano metodológico. Diz ainda que a escola deve libertar o aluno, mas muitas vezes é o aluno que aspira libertar-se da escola.

Esse processo educativo sugerido a partir de Read, Moraes, Freire, Lobrot, dentre outros, pode ser desenvolvido através da prática pedagógica proposta por Freinet.

Pode ser notado, pelas atividades que Freinet propõe, que a educação deve se centrar no que é significativo para o aluno, fazendo na escola se viver um processo natural, não desconectado das vivências fora da instituição escolar. Propõe diversas atividades, das quais pode-se destacar algumas, como a aula passeio e o livro da vida.

A primeira refere-se à atividade onde as crianças saem para observar o meio, animais, árvores, visando o contato com a vida e num clima não escolar conversam sobre o que observam. O livro da vida é um grande caderno onde são anotados os fatos mais interessantes acontecidos no dia-a-dia. Todos participam da elaboração deste livro.

Freinet dedicou-se mais ao estudo das etapas educativas que vão da educação infantil à primária. Entretanto, pode-se levar o fundamento de sua proposta para toda a educação escolar. Sua preocupação central está na formação que deve ser crítica, mais autônoma, valorizando as experiências de vida do indivíduo.

Defende uma unidade metodológica de ensino, integração de assuntos, de acordo com o interesse do aluno. O desenvolvimento da prática tem em vista a autonomia, a responsabilidade e os compromissos que os alunos se propõem a realizar.

O trabalho coletivo também vem a ser de grande importância para haver troca de experiências, além de garantir o caráter democrático da proposta de Freinet.

Vale ressaltar ainda o plano de trabalho que o autor destaca. É dividido em quatro partes : plano geral, anual, semanal e cotidiano.

O plano geral é caracterizado pelas atividades fundamentais com as quais o aluno deve entrar em contato durante o ano letivo. Os pontos serão seguidos em ordem aleatória de acordo com o que a realidade exigir no momento. Os planos anuais constituem o resumo de tudo o que deverá ser feito até o final do ano, no que se refere à matemática, à história, à geografia etc. . Os planos semanal e o cotidiano são estabelecidos cooperativamente e auxiliarão no desenvolvimento dos outros durante o ano. Não há portanto um currículo fixo e fechado a se seguir.

Não é fácil o processo educativo, entretanto, sabendo aonde se quer chegar e que tipo de aluno formar, sem perder de vista os princípios essenciais para formação (já mencionados), que muitas vezes são deixados de lado para se priorizar o que talvez possa levar o aluno a passar no vestibular, ter boa profissão, saber competir, querer mais adquirir, enfim, ter, muitas vezes em detrimento do ser, talvez com maior probabilidade se contribua para formação de melhores pessoas.

A partir do que se estabelece como fim educacional, se articula possibilidades para se ter êxito. Mas o dia-a-dia é que vai traçando condutas e meios mais adequados para se chegar no que foi pré-estabelecido. O primordial é se centrar no individual pensando também no social, não se omitindo frente a certas necessidades educacionais se a escola tiver condições de trabalhá-las.

Visando mais que um estudante capaz de se expandir , um indivíduo engajado socialmente; mais que um profissional, um cidadão atuante; mais que alguém que sabe escutar, alguém que reflete, age e transforma; mais do que aquele que julga, aquele que se solidariza e não se baseia em pré-conceitos; alguém capaz de amar e respeitar muito mais do que cometer atitudes sem ética.

Começar por esse caminho talvez seja negar o desumano, alertar na educação o que pode tornar o violento, o injusto menos comum, menos natural e transformar a realidade obscura em algo que necessita de ações dignas.

“A educação precisa despertar e desenvolver a paixão pela vida. Aprender a conhecer, aprender a aprender. Gostar de pensar, gostar de aprender. A alegria de conhecer e transformar o mundo. De criar e recriar a existência. Além de um processo informativo, de transmissão de informações, além da sensibilização, levar a imaginar. Despertar e desenvolver o gosto do conhecimento. A paixão de conhecer. E de criar conhecimento. Alegria de sentir. Alegria de pensar. Alegria de imaginar. O gosto de descobrir e desenvolver as próprias idéias.” (BARBOSA, 1989 – p.129-130)

Ética Para Uma Vida Melhor

Existe uma diversidade ampla de possibilidades de se conceituar Ética. Não é um termo que possui uma explicação única, determinada ou fechada. Abrange muitas concepções, que recebem influência de fatores como tempo, lugar e cultura.

A reflexão em torno do tema mencionado não visa posteriormente estipular um roteiro que caracterize e leve à atitudes morais, éticas; nem tão pouco o doutrinamento pois, como já foi dito no capítulo anterior, é pouco provável que imposições de conceitos e valores leve ao desenvolvimento favorável de uma pessoa, tendo em vista que um aspecto essencial para a formação é fazer com que cada vez mais as pessoas expressem e articulem suas próprias idéias.

Algumas idéias e análises a respeito da Ética serão mencionadas, na intenção de talvez se descobrir que para viver da melhor maneira possível é fundamental refletir sobre o que está diretamente ligado a ela, como liberdade, escolha, vida e respeito.

O autor **Fernando Savater**, no livro “Ética para meu filho”, traz algumas colocações que apontam para a afirmação da importância da Ética. De maneira singular, vai mencionando fatos que levam ao entendimento e reflexão em torno do assunto em sua visão.

Desta forma, será colocado a seguir sinteticamente a maneira como lida com o tema, já que a obra é direcionada a um adolescente e o motivo primeiro que iniciou o presente trabalho foi o contato com reportagens a respeito da violência praticada por jovens e adolescentes, torna pertinente destacar o que o autor diz.

Explica o aprendizado de atitudes éticas como um processo e não um conceito que pode ser explicado em poucas palavras; o que torna necessário relatar o desenvolvimento de suas idéias no decorrer do livro para haver compreensão do que vem a ser ética para ele.

Inicia afirmando que existem ciências que são estudadas para adquirir uma habilidade, para saber coisas novas ou ganhar um emprego. Há uma infinidade de conhecimentos interessantes, mas que sem os quais pode se viver muito bem.

Lamenta não ter idéia de astrofísica ou marcenaria, que dão muita satisfação a outras pessoas, embora sua ignorância em tais assuntos nunca o tenha impedido de ir sobrevivendo. No entanto, há outras coisas que é preciso saber, porque são essenciais para a vida. Por exemplo: é preciso saber que saltar do 6º andar não é bom para saúde e que não é aconselhável ignorar que, ao se dar um tapa num vizinho cada vez que se cruzar com ele, haverão conseqüências desastrosas. Pode-se viver de muitos modos, mas há modos segundo os quais não se tem como viver.

Muitas coisas convêm e outras não. Entretanto, mostra que nem sempre é tão fácil saber qual a melhor maneira de se portar. É melhor dizer ao doente de câncer incurável a verdade sobre seu estado, ou deve-se enganá-lo para que ele viva suas últimas horas sem angústia? A escolha requer reflexão.

O autor destaca a liberdade como sendo característica especificamente humana, que pode possibilitar o orgulho ou remorso somente à ele após uma escolha, caso não houvesse essa possibilidade de escolha, tais sentimentos não existiriam. Os animais se diferem do humano por não poderem escolher, não sabem viver de modo diferente do que vivem enquanto o ser humano tem essa opção, embora existam muitas forças que limitam a liberdade humana, desde terremotos e doenças até tiranos.

Mas a liberdade de cada um também é uma força no mundo. Deixa claro que embora a TV, o governo, o grupo, entre outros fatores, influenciem nas condutas, o ser humano não é como um relógio que segue um mecanismo previsto. Há um motivo que pode ser uma ordem, ou costume, vontade (capricho) que tem certa força para influenciar no agir.

Cada motivo tem seu peso e condiciona a seu modo. Entretanto, comodidade e pressão não justificam a ação, quando existe liberdade. O que

acontece é que às vezes se escolhe a maneira mais fácil de agir. Ressalta que muita gente tem mais consciência do que limita a liberdade do que da própria liberdade.

Com essa liberdade é que se pode inventar e escolher em parte uma forma de vida.

Optando pode se errar também, o que demonstra a necessidade de se questionar frente às escolhas.

“A liberdade não é uma filosofia e nem se quer uma idéia: é um movimento da consciência que nos leva, em certos momentos, a pronunciar dois monossílabos: Sim ou Não. Em sua brevidade instantânea, como à luz do relâmpago, desenha-se o signo contraditório da natureza humana.”²

A pressão, o medo do ridículo, a censura, etc., podem levar a determinadas atitudes. Mas Fernando Savater diz que quando se leva algo a sério ou em ocasiões importantes, todas essas motivações não contam muito. Não é porque se mostra comum num determinado lugar não se alugar apartamentos para negros, que se vai fazer o mesmo quando se acredita que isto não é correto; é necessário sempre se questionar: por que faço isso? A partir daí, decidir.

O problema é que muitas vezes o que se quer é se isentar de responsabilidades, justificando atos errôneos pela força do irresistível, do que escraviza como propaganda, drogas, apetite ou suborno. Assim a pessoa deixa de ser livre e se transforma em marionete, que não precisa se responsabilizar.

Por estar fundamentalmente ligado com a ação humana, é que essa liberdade é o assunto central da Ética.

Para empregar bem a liberdade que se tem, para Savater, é necessário deixar de lado pressões externas e agir por convicção; é neste

² PAZ, Octávio. “A Outra Voz” apud, SAVATER, “Ética Para Meu Filho”, p. 32.

aprendizado que consiste “moral” e “ética”. Dois conceitos são mencionados para se explicar como costuma ser definido ética e moral. Moral é o conjunto de comportamentos e normas que são aceitos como normas válidas; e Ética, como sendo a reflexão sobre porque consideram-se válidas tais normas quando se compara com outras “morais” de pessoas diferentes.

Mas o autor conceitua moral e ética como sendo palavras indistintas que são definidas, a partir de suas colocações, como a “Arte de Viver”.

Essa arte tem a ver com o tipo de vida que se quer levar. Ao definir que o que se busca é uma vida boa (quando há o interesse por se viver e não morrer), é somente possível tratando os outros como pessoas reais e não bonecos ou coisas que se pode manipular e usar como quiser. Quando se trata os outros desta forma - como coisas - o que se desperta neles são sentimentos ruins como ódio, vingança e atitudes de falsidade, o que não pode trazer alegria para ninguém.

Não transformando os outros em desta forma se conta pelo menos com o respeito próprio, não permitindo tornar-se coisa para os outros. Rodeado por pessoas assim, é impossível se ter uma boa vida. Relacionamentos bons, tendem a facilitar uma vida melhor. Portanto, pensar no outro é também pensar em si.

*“ ‘Não faça aos outros o que não queres que te façam’ é um dos princípios mais fundamentais da ética. Mas é igualmente justificada a afirmação: tudo o que fazes aos outros fazes também a ti mesmo.”*³

Os atos é que vão construindo, definindo e inventando cada um. Ao pensar e escolher, o indivíduo está se transformando. Se a tendência for cada vez mais proceder bem, o que implica em favorecer a vida, mais dificuldade se terá em proceder mal e vice-versa.

³ FROMM, Erich. “Ética e Psicanálise” apud, SAVATER, “Ética Para Meu Filho”, p.113.

A ética não se ocupa em saber como se esquentar no frio, se alimentar bem e outras questões fundamentais para sobrevivência em certas ocasiões; a especialidade da ética é como viver bem a vida humana, entre humanos. Se não se tiver nem idéia de ética, se perderá ou se prejudicará esse humano da vida, afirma o autor.

A diversidade entre as pessoas é fato. Existem valores e culturas diferentes que faz com que, certo e bom para um não o seja para o outro. Entretanto, ainda que se viva meio a diversidades, havendo noção de ética, tende a prevalecer o respeito e a dignidade.

Quem comete atos destrutivos como roubar, violar e matar, não deixa de ser humano, e pode se transformar. Como todo ser humano, este também necessita ser respeitado e tratado como um. É necessário se colocar no lugar do outro, pois por pior que seja o ato que se comete, ninguém quer ser tratado como “coisa”. Se colocar no lugar do outro é também compreender o que ele faz e sente, nem que seja para, de acordo com leis condená-lo.

Dar e receber tratamento de humanidade é imprescindível para se ter a “vida boa” que o autor tanto menciona. Um homem sempre tem direitos frente a outros homens, direitos humanos.

A Ética caracteriza, nesses termos, uma maneira de se relacionar da melhor forma possível com o outro para tornar a vida mais rica e feliz.

Uma última idéia que o autor destaca no final de sua obra, refere-se a um conselho a seu filho, onde alerta:

“ Uma vez que se trata de escolher, procure uma opção que lhe permita depois o maior número possível de outras opções. Não faça uma escolha que o deixe encurralado de cara para a parede. Escolha o que o abra: para os outros, para novas experiências, para diversas alegrias. Evite o que o feche e o enterre. ”(SAVATER, 1996 – p.176)

Pode-se perceber, com essas colocações de Savater, que sua preocupação em falar sobre ética a seu filho vem na consciência que tem do quão importante é compreender o que envolve tal conceito para que a vida seja menos complicada, mais digna e possa gerar mais alegrias do que descontentamentos. Não se trata de fórmulas para gozar a vida, mas certamente são alguns alertas que favorecem em se vivenciar acontecimentos, tirando seu melhor proveito.

Ao se conscientizar das conseqüências (negativas ou positivas) dos atos, pode se melhorar condutas. Não é só em atos extremos, como um homicídio - feito aquele chamado de brincadeira contra um mendigo índio - e terrorismo que se "paga caro" ; talvez tais atitudes sejam o máximo da falta de bom senso e noção de ética. Entretanto atos mais simples, como ler uma carta sem pedir permissão ao dono, também gera algo como falta de confiança e inimizades, o que não pode ser bom para ninguém; pensando em tornar a vida sempre melhor, as atitudes, desde as mais pequenas, devem sempre visar esse fim.

É no dia-a-dia que a formação de cada um acontece. Quando Savater diz que quanto mais atitudes negativas se comete mais dificulta no contrário, significa que quanto antes se aprender a escolher melhor, a bem usufruir da liberdade, menos escravos de atitudes inconseqüentes se será.

Atos mínimos, como respeitar uma opinião diferente, auxiliar o próximo que necessita, devolver o que foi emprestado, intervir em defesa de alguém e se importar com um animal, são atos corriqueiros que possibilitam vivenciar uma boa conseqüência, se não para o outro, para si, mesmo que nem sempre se perceba.

Justifica os atos a escolha, a liberdade limitada mas existente, que leva até a compreensão de vacilos por razões diversas inclusive por um erro pessoal.

Essencial é compreender que a ética não corresponde a normas impostas, mas a um conceito que necessita se apreender para o bem próprio e do outro. Se pensar onipotente, isento de culpas e acreditar não

existir conseqüências muito menos no fato de ter que assumi-las, é não ter noção da realidade, é o mesmo que acreditar que milhares de pessoas passam fome no Brasil por serem acomodadas; é acreditar sem se refletir e buscar respostas com argumentos pertinentes.

Conceitos do senso comum, como “os Sem Terra são todos baderneiros” ou “fulano é milionário, ele sim é feliz” e qualquer outro que tanto se ouve no dia-a-dia e que os meios de comunicação impõem a todo momento, necessitam ser refletidos para se achar respostas que os justifiquem, de preferência consultando várias fontes e ouvindo argumentações dos opostos.

Será que um político que enriquece roubando da Previdência Social consegue ser feliz? Talvez consiga muita coisa, como viagens, bens materiais, prestígio e até no máximo de seu egoísmo, dormir tranquilo. De acordo com o que ele deseja da vida pode até conseguir e acreditar ser o bastante para sua felicidade . Mas se felicidade tem a ver com confiança, fidelidade, respeito e tudo que favorece a vida, muito longe quem rouba está de alcançá-la.

Frente ao povo que acredita na conduta desse político sem fidelidade, honestidade, respeito e dignidade, não há uma relação verdadeira, já que este não dá a seus semelhantes tratamento humano, mas de coisas que se pode manipular e tirar proveito.

Muitos, frente à miséria que contribuem para que seja perpetuada, tentam se isentar da culpa, mentindo para eles mesmos com a justificativa de que se eles não roubarem outros irão fazê-lo. Aí é que entra a questão da liberdade; já que escolhem a injustiça, que então assumam no mínimo a culpa e o fato de serem corruptos.

A reflexão é o que pode muitas vezes comandar bem a ação; por isso é sempre tão mencionada ao se falar de ética, assim como a liberdade, que implica em que cada um responda por suas omissões e atos.

Márcio Mariguela menciona ser a filosofia a ciência que ajuda a se pensar sobre a vida; enquanto ética vem a ser parte desta ciência que se

dedica a pensar as ações humanas e seus fundamentos. Um dos primeiros a pensar a ética, segundo o autor, foi Aristóteles, que ensinava que todo conhecimento e todo trabalho visa algum bem, este sendo a finalidade de toda ação. O filósofo afirma ainda que o maior bem que se pode conseguir pela ação é a felicidade.⁴

Na busca desta felicidade o questionamento é a principal arma para a ação, talvez a única maneira até mesmo para se descobrir valores, ideais, saídas para problemas e se auto-descobrir.

Quando um momento exige uma atitude precisa, uma escolha difícil é que se pode perceber quais são os verdadeiros valores e princípios de cada um; o que às vezes nem mesmo a pessoa sabe ao certo. Ao se refletir e chegar a uma conclusão, por exemplo, se deve-se aceitar ou não um suborno, quando muito está se precisando de dinheiro, aceitando ou rejeitando, seja qual for a resposta, estarão implícitos os valores existentes.

Se uma pessoa se diz seguidora dos princípios cristãos (e até acredita mesmo segui-los) ao fazer uma escolha, se estes são realmente existentes, norteiam a sua ação.

Perante uma realidade repleta de contradições, onde a miséria se mostra nas esquinas, onde pessoas dormem ao relento, crianças trabalham vendendo produtos diversos em faróis, entre outras que expressam uma vida sofrida, contrapondo se com as vidas dos que passam de carro nos faróis e observam, se impõe uma escolha de acordo com que cada um acredita. A pessoa que se diz cristã deve refletir, visando, de acordo com suas possibilidades e com a visão que tem do cristianismo, tomar uma posição.

Não significa que se deva socorrer todas as pessoas que pedem ajuda, ou vender tudo o que se tem para dar aos pobres; somente se dedicar aos que necessitam, enfim, tomar atitudes que expressam o cristão. As atitudes talvez não tenham que ser exatamente estas, entretanto as que

⁴ MARIQUELA, Márcio. Ética e Civilização. In Gallo, S. . Ética e Cidadania: Caminhos da filosofia (Ed.2). Campinas-SP: Papyrus,1997.Cap.5, p.53-59.

se toma devem demonstrar uma certa consciência e coerência de acordo com os princípios que num momento foram transmitidos, fundamentados e num outro refletidos e aceitos.

Ao ignorar as dificuldades que os outros passam, ao se omitir podendo auxiliar quem necessita, não se vivencia os princípios cristãos que se diz; ao ajudar, entretanto, os consolida cada vez mais. Assim além da reflexão levar a atitudes mais coerentes com o que se acredita, permite um auto – conhecimento, pois muitas vezes só no momento da escolha é que torna claro quais os princípios que se tem.

Vale dizer que, às vezes, as atitudes podem também não se adequar aos princípios reais da pessoa. As ações podem ser errôneas, ou tomadas sem muito se questionar, por pressão externa, dentre outros fatores. Se há certeza dos valores, é mais difícil isso ocorrer, mas como todo mundo erra, mesmo refletindo, o questionamento cada vez maior frente possibilidades torna-se essencial para firmar valores ou descobri-los.

Ao se falar de uma pessoa que acredita que ao favorecer também o outro está se favorecendo juntamente, demonstra a convicção de suas crenças, todas as suas atitudes inclusive as menores, como dar lugar para um idoso se sentar no ônibus, por exemplo, não só por ser lei, mas por favorecer o outro, sendo possível pelo simples fato de sentir-se bem ao agir desta forma...; outro exemplo pode ser dado ao se falar do ato de votar, que deveria ser feito de forma consciente, não para cumprir uma obrigação, mas na intenção de uma transformação. Segundo **Bertolt Brecht**:

"O pior analfabeto é o analfabeto político. Não lê, não ouve, nem participa dos acontecimentos políticos. Não sabe que o custo de vida, o preço do feijão, do peixe, da farinha, do aluguel, da luz, do sapato, do remédio, dependem de decisões políticas.

O analfabeto político, é tão burro, que se orgulha e estufa o peito, dizendo que odeia a política e aos políticos.

Não sabe o imbecil, que da sua ignorância política nasce a prostituta, o menor abandonado, o assaltante, e o pior de todos os bandidos que é o

político vigarista, pilantra, paranóico, bagunceiro, adesista, corrupto e laçao de empresas nacionais e multinacionais.”

Votar, neste sentido, ultrapassa um direito; é obrigação política, é um ato de cidadania onde se pode colaborar para diminuir a injustiça social, por exemplo. Este ato pode auxiliar a sociedade como a qualquer um individualmente, quando existe reflexão, intenção antecedendo a conduta, como a certeza de uma consequência. Se é algo consciente, os meios a se utilizar para votar, como tentar conhecer o candidato que se quer eleger como representante, tendem a ser os mais propícios, favorecendo a tornar o que se objetiva mais possível de ser alcançado.

Nos **Parâmetros Curriculares Nacionais**⁵, em sua parte onde se destaca o Convívio Social e Ética, encontra-se uma análise tendo em vista o exercício da cidadania. O desenvolvimento dos parâmetros têm em vista a referência nacional brasileira que é a Constituição Federativa do Brasil, promulgada em 1988.

Há uma discussão em torno do tema Convívio Social e Ética, em oito capítulos: importância do tema; legitimação dos valores e regras morais; desenvolvimento moral e socialização; educação moral e currículo; objetivos gerais; conteúdos; orientações didáticas e critérios de avaliação.

Este trabalho não visa fazer uma grande análise desses parâmetros, nem mesmo questionar o modo como é desenvolvido o tema ou a estratégia sugerida para trabalhar assuntos que estão direta ou indiretamente ligados à Ética. O que cabe aqui é compreender como revela a importância da Ética em uma outra ótica, sobretudo relacionando-a com a educação escolar.

Nos capítulos que retratam a importância do tema e objetivos gerais, são destacadas algumas colocações pertinentes.

⁵ PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. "Convívio Social e Ética". Brasil: Ministério da Educação e do Desporto, versão agosto / 1996. Secretaria do Ensino Fundamental – SEF.

Inicia com o questionamento que deve ser feito ao homem que vive em sociedade: como devo agir perante os outros? Mostra que para responder essa questão existe a necessidade de critérios, valores, estabelecer relações e hierarquias entre esses valores.

Neste texto, como na maioria das vezes que se destaca o assunto Ética, se coloca indagações difíceis de se responder demonstrando se tratar de um assunto complexo que exige análise para respostas. Neste caso, especificamente, por se tratar de um currículo escolar, há a necessidade de se pensar a sociedade na qual está inserida a escola brasileira.

Quando o texto refere-se a Constituição brasileira é por nela encontrar elementos que remetem a questões morais, o que é demonstrado em Artigos. O Artigo 1º, por exemplo, entre outros fundamentos traz a dignidade da pessoa humana e o pluralismo político:

" A idéia segundo a qual todo ser humano , sem distinção, merece tratamento digno correspondente a um valor moral. Segundo este valor, a pergunta como devo agir perante os outros, recebe uma resposta precisa: devo agir sempre de modo a respeitar sua dignidade, por exemplo, não devo humilhá-los, ou me comportar como se fossem inferiores em razão de seu sexo ou etnia. O fundamento pluralismo político, embora refira-se a um nível específico (a política), também pressupõe um valor moral: os homens têm direito de ter suas opiniões, de expressá-las, de organizar-se em torno delas, não se deve, portanto, obrigá-los a silenciar ou ter de esconder seus pontos de vista; valer dizer, são livres." (PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 1996 – p.2)

São enfatizados três pontos. O *primeiro* refere-se a valores eleitos como necessários ao convívio entre os membros da sociedade, onde nega-se qualquer perspectiva de 'relativismo social'; ou seja, 'cada um é livre para eleger todos os valores que quiser'. No Brasil, por exemplo na Constituição, diz não ser permitido agir de forma preconceituosa, tratando outros como inferiores (em razão de etnia ou religião, por exemplo), o que é indispensável à sociedade democrática, sendo certas normas segundo valores.

À primeira vista, parece se tratar de um paradoxo: seguir normas para liberdade; mas tal fato demonstra a necessidade da imposição de certas regras com argumentos pertinentes, para se poder usufruir de uma certa liberdade. É compreensível existir uma norma que defenda o indivíduo, estabelecendo como ilegal sofrer o preconceito por sua origem, raça, cor, sexo, idade e outras formas de discriminação. A partir daí o indivíduo, sem ser subjugado, pode agir "livremente".

O *segundo* ponto diz respeito ao caráter democrático da sociedade brasileira, onde democracia é um sistema político como também um modo de sociabilidade que permite a expressão das diferenças e conflitos, ou seja, a pluralidade. Considerando nestes termos a liberdade e a diversidade, em todos seus aspectos.

O outro termo enfatizado, refere-se ao que foi bem trabalhado e salientado até esta parte do trabalho, que vem a ser o caráter abstrato dos valores que não são pré-determinados, não havendo respostas definidas para denominá-los fazendo da Ética um eterno pensar, refletir e construir. Cabe à escola educar seus alunos para que possam ser autônomos, para pensarem.

Há algumas colocações nos Parâmetros que traduzem a rejeição de alguns em trabalharem com o tema Ética nas escolas, ou por compararem com vãs aulas de Moral e Cívica ou por não acreditarem que a escola deva ter essa preocupação mas sim de transmitir conhecimentos, etc.

Os argumentos utilizados para quebrar essa barreira contra o desenvolvimento da Ética nas escolas são vários.

Um deles vem a ser o fato de que a sociedade educa seus membros de uma forma ou de outra. A escola passa valores através da conduta de professores, em livros didáticos, por avaliações, entre outras formas. Ao invés de serem ocultos esses meios, devem receber um tratamento explícito, oficial.

Os valores morais presentes nos ideais da Constituição brasileira, que ao serem considerados podem favorecer no exercício da cidadania, tornam-

se prejudicados quando não legitimados pelos homens e mulheres da sociedade. Toda sociedade tem que fazer com que tais ideais vivam e se desenvolvam, inclusive a escola.

Os conteúdos destacados nos Parâmetros têm como ponto de partida a moral. A meta maior sendo a formação do cidadão, considera-se diversas virtudes morais sendo priorizadas de acordo com cada um. O que importa ser dito é que devem ser contempladas para que a formação tenha êxito.

Esses temas morais são todos referenciados no princípio da dignidade do ser humano, um dos fundamentos da Constituição Brasileira.

Para análise da moral, é mencionado que devido às diferenças não só das personalidades singulares, mas diferenças em todas suas formas, ideológica, política, étnica,... resulta em conflito e violência, quando tais diferenças são pensadas através de preconceitos e discriminações. Tais preconceitos podem ser exemplificados da seguinte forma: podem considerar que uma pessoa não deve ser respeitada por ser mulher, doente etc.. Do ponto de vista da Ética, o preconceito pode aparecer quando uma pessoa não é respeitada por pertencer a um outro grupo; ou quando censura alguma informação que deveria ser transmitida por não tolerá-la. O preconceito se mostra contrário ao valor fundamental da dignidade do ser humano. A escola deve assim contribuir para que essa dignidade seja conhecida e apreendida por todos os alunos. Nos Parâmetros são destacados mais dois critérios para nortear a escolha dos conteúdos: a possibilidade de poderem ser trabalhados nas escolas e sua relevância tanto para o ensino das diversas áreas e temas, quanto para o convívio escolar.

Os blocos de conteúdos correspondem a eixos para organização de atitudes, valores e conceitos. Tais blocos, assim como toda proposta de Ética, referem-se ao ensino fundamental, sendo que a Ética coloca-se prioritariamente para o convívio escolar. Esses blocos são:

- 1) Respeito mútuo
- 2) Justiça
- 3) Diálogo

4) Solidariedade

Para cada tema do bloco de conteúdos há uma conceituação e uma demonstração do valor de seu significado para formação dos alunos; como também há uma relação de conceitos (dentro de cada bloco) muito pertinentes para desenvolvê-lo. Por exemplo, Bloco 1- Respeito Mútuo: há uma explicação que expressa a importância de tal tema e para que esse seja bem trabalhado há outros assuntos complementares que ajudam no desenvolvimento deste como: percepção das diferenças, respeito a todo ser humano, direitos, etc.

Todo desenvolvimento dos Parâmetros está permeado pela idéia da importância da Cidadania e da Ética na formação dos alunos.

Embora se saiba da grande dificuldade que muitas vezes se impõe sobre as ações, quando por exemplo uma pessoa que nunca teve respeito dos outros, nem condições para viver com dignidade, muito menos alimentação e moradia adequadas e chance de emprego dadas suas condições, é necessário ainda assim que suas atitudes expressem respeito e Ética. Por mais que seja compreensível certas atitudes em determinados momentos, dificilmente serão aceitas se faltar o respeito e o que se crer ser atitude ética.

É complicado não se ter respeito e no entanto ter que respeitar. Mas cada um deve responder pelos seus atos ou pelo menos assim deveria ser. Se a pessoa acima citada rouba para se alimentar, é quase certo pagar pelo mal cometido; infelizmente os que contribuíram de alguma forma para que a situação dela chegasse a tal ponto na maioria das vezes não são diretamente punidos, não prestam contas por esse mal como deveriam.

Ao se pensar numa pessoa que um dia podendo, negou ajuda, talvez nem venha a saber da consequência de sua omissão, portanto também não responde pela consequência de seu ato. Se parte da culpa está naqueles que politicamente a representam - o governo - é muito subjetivo culpá-lo, pois ainda que omita frente a certas problemáticas, uma vida, um caso isolado dificilmente leva algum governante pagar pela culpa.

Por exemplo, uma determinada pessoa ao sofrer a consequência de uma má administração governamental, quase nunca consegue um reparo ou atenção pelo seu problema. As problemáticas são sempre generalizadas, não se fala sobre uma determinada vida comprometida, são blocos, números de miseráveis, marginalizados... delega-se a responsabilidade à um ou outro por toda injustiça. Assim a culpa dos maus administradores é dissipada meio a tantos envolvidos e ninguém repara o mal cometido.

Se a saúde pública não vai bem e uma pessoa quase morre numa fila de hospital, seu caso deveria ser considerado isoladamente e os responsáveis deveriam ser punidos, mas atitudes somente são tomadas (e quando são) se o problema chega a caso extremo ou quando um grande número de pessoas vem a sofrê-lo.

Quando se fala em problema da maioria, é como se fosse um código, um número que precisasse de ajuda, mas não é, são pessoas, é Paulo, José, Maria, Luís...que não sabem ao certo quem favorece para tornar a vida deles tão difícil. Quem pagará pelo seu mal?

Por isso muitas vezes não se percebe a consequência de muitos atos, mas elas sempre existem.

Diversas formas pode-se vivenciar o resultado de omissões e atitudes contrárias a vida; cumprindo regras sociais, dificultando relacionamentos, tendo inimizades, sofrendo cobranças entre outros resultados que não contribuem para se viver bem, pois não deve haver quem viva de forma a tornar se feliz meio a atos que prejudicam a vida dos outros, pode apenas se ter essa ilusão.

Cada um é responsável pelas atitudes que toma; por pior que seja a situação em que se encontre, o indivíduo sempre terá que esperar por uma consequência.

O que se vê, entretanto, é que muitos em situações muito desesperadoras não se importam com as consequências, por talvez não se importarem mais com suas próprias vidas, por terem se tornado vítimas de desvalorização, acabaram por acreditar que suas vidas pouco valem.

Ao considerar que ao fazer o bem próprio sem prejudicar o outro está se fazendo o bem comum, como ao fazer o bem do outro se faz o bem próprio, percebe-se uma relação dialética que garante conseqüências boas para o individual e o social.

Exemplificando: se constrói uma casa num terreno sem ultrapassar a área do outro, está se beneficiando a relação com o outro, não precisando ter a preocupação que se descubra um mal feito, enfim, favorece a si e ao outro por não prejudicá-lo. Se a área que o outro tem é pequena demais, não permitindo que construa o mínimo necessário e se por outro lado, a área que se tem para construção é imensa, não prejudicando em nada doar uma pequena parte, se o fizer favorecerá o outro obviamente e não irá prejudicar a si, já que se terá compensações como um melhor relacionamento e a consciência tranqüila de, podendo ter feito um bem, tê-lo feito.

Tais atitudes não precisam ser feitas porque provêm de certos valores (a não ser não avançar a área do outro), foram colocadas somente para se visualizar uma possível conduta favorável, relacionando o individual sem perder a percepção do outro.

Poderia ter sido dado um exemplo mais simples, como jogar papel no lixo ao invés de jogá-lo no chão, sem levar outro a pegá-lo; o contrário poderia levar a uma relação ruim (prejudicaria o outro e a si); "lixo no lixo" impede inundação (favorece o outro e a si).

É utopia acreditar que as atitudes serão sempre tomadas de forma a favorecer a vida que se quer. Atitudes errôneas acontecem e sempre irão acontecer, e pode ser até positivo dependendo do erro, pois uma má conseqüência pode levar à mudança de conduta.

O preconceito é sempre perigoso. Uma atitude necessariamente não caracteriza alguém, mas a constância de determinadas atitudes e não de outras é que formam individualmente uma pessoa.

Uma das colocações feitas foi a de que, quando o desejo de viver existe, se busca vida e o que leve à sua permanência e proporcione felicidade. É no dia-a-dia, onde as escolhas são feitas e decisões são

tomadas constantemente, que vai se definindo um estilo e percepção de vida.

Quanto mais as relações favorecerem no que traz mais vida e felicidade , de acordo com princípios que contribuam para esse fim, seja despertando o melhor do outro, influenciando para haver justiça, respeitando diferenças... menores serão as experiências negativas.

Não significa se dizer que existe um roteiro de condutas que favorecem a vida, a reflexão é que levará a atitudes que possibilitem este fim. Pode se considerar que a justiça visa boas conseqüências ainda que o justo para um não o seja para o outro, entretanto objetivando a justiça, de forma mais certa a ela se chegará. O fim da justiça é diminuir conflitos e o bem comum, a reflexão e a Ética é que levarão a esses termos.

“Ética pode ser compreendida como uma estética de si, isto é, como a atividade de construir nossas próprias vidas como um artista pinta seu quadro. Isso significa que construímos nossos próprios valores, colocando nós mesmos como valor fundamental.”⁶

A partir da frase do filósofo Jean-Paul Sartre, que dizia que quando elege se a si, está se escolhendo toda humanidade, **Sílvio Gallo** faz algumas colocações. Ao se escolher como valor, fundamento das próprias escolhas e atos, visando construir a própria vida como singularidade, como obra de arte, se está ao mesmo tempo assumindo que essa condição é possível para qualquer ser humano, devendo se aceitar a singularidade de todos; como também o fato de que a sociedade torne-se uma multiplicidade de diferentes indivíduos criativos.

Neste sentido, Ética deve ser entendida como algo que deve permear as condutas individuais visando melhorar a vida pessoal e coletiva. Cada um deve agir de acordo com seus princípios e vontades, tendo em vista a

⁶ GALLO, Sílvio. Ética e Cidadania na Sociedade Tecnológica. In Gallo, S.. Ética e Cidadania: Caminhos da filosofia (ed.2). Campinas-SP : Papirus, 1997. Cap.11, p.103-111.

coletividade, onde cada um está construindo sua vida, e nesta construção se quer viver sendo respeitado por diferenças e

valores e isso, todos querem.

Devido a transformações mundiais, no que se refere a aspectos sociais, políticos, econômicos e culturais e tudo o que isso implica, é necessário para interagir nesse novo mundo estar adequadamente capacitado.

Tudo está sendo transformado rápido demais. A tecnologia avançada possibilita sobretudo aos meios de comunicação, cada vez mais, impor novos valores e concepções culturais diversas. Nesse processo existe o lado positivo e seu inverso, o que faz com que o indivíduo tenha que estar preparado para discernir entre o que deve aceitar e recusar, e somente ele pode fazê-lo.

Neste sentido é fundamental que sua formação tenha também este propósito. Quando esse indivíduo for capaz de rejeitar o que está fundamentado em valores inversos sem expressar Ética, contribuindo para miséria, violência..., que impedem vida no sentido pleno da palavra, melhores serão as vivências pessoais e coletivas, menores serão as injustiças e os descontentamentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência que atemoriza a sociedade e ganha cada vez mais destaque em manchetes de noticiários, impõe uma postura de reflexão . O que incita à violência - as causas e influências – podem ser fatores diversos como foi visto, como a família e o grupo, que exercem certa pressão sobre os indivíduos.

Ao se considerar que desde os meios de comunicação até os relacionamentos de amizade atuam na formação das pessoas, torna-se essencial para elas aprenderem a refletir e escolher o que devem aceitar e rejeitar meio à “enxurrada” de idéias, conceitos e sensações que as invadem quase a todo momento.

Segundo Ianni, na base do globalismo, no fim do século XX, está o capitalismo:

“ As forças decisivas, pelas quais se dá a globalização do mundo, instituindo uma configuração histórico-social nova, surpreendente e determinante, são as forças deflagradas com a globalização do capitalismo(...). O capitalismo...além de desenvolver e mundializar as suas forças produtivas e as suas relações de produção, desenvolve e mundializa instituições, padrões sócio-culturais, formas de agir, sentir, pensar e imaginar.” (IANNI, 1996 – p. 38-40)

Nessa diversidade sempre crescente aparece o que favorece a vida e aquilo que se busca nela, como o contrário, o que dificulta a vida e torna distante se alcançar o que se objetiva.

Se há um incêndio num edifício , serão utilizados todos os meios possíveis para salvar vidas e apagar o fogo. Da mesma forma, se a violência se impõe ameaçando a sociedade, propagando a injustiça, a dor e o medo, é preciso que todos os meios possíveis atuem. A escola não foge a essa regra, deve levar os alunos a refletirem valores que se oponham à violência.

Morais salienta que ainda há tempo de repensar valores, tendo em vista uma qualidade de vida que faça justiça ao ser humano. E isso pede

uma reflexão que vai além de buscar causas imediatas disto ou daquilo. Diz ainda:

“Se logarmos construir uma concepção de vida voltada para a dignidade da pessoa e para a vontade de viver, com certeza a violência que abala tanto nossa vida hoje possa ser minimizada. Toda a sociedade tem nisso responsabilidade. Mas, principalmente, têm responsabilidade os educadores aos quais as famílias entregam seus filhos para que intervenham em suas vidas, tanto quanto os próprios educadores das famílias que, com maior frequência do que a suportável, abandonam seus filhos diante da TV ou os empurram para clubes como para deles se livrarem.” (MORAIS, 1995 – p.127)

A escola nesse sentido deve atuar.

Não é possível viver bem, aceitando ou rejeitando tudo de acordo com o que outras pessoas acreditam e desejam; cada pessoa tem que descobrir no dia-a-dia seus ideais e crenças para buscar e conduzir a vida. Ninguém pode viver por outra pessoa, por isso cada um necessariamente precisa estar preparado para escolher e direcionar as suas próprias vivências.

Mesmo sofrendo interferências por todos os lados, limitando a liberdade individual, a reflexão é que permite que ela seja cada vez maior. Sua ausência não permite o auto-conhecimento, as escolhas adequadas, o estabelecimento de ideais, a compreensão dos mecanismos para transformar injustiças, enfim, impede muito do que poderia melhorar a vida.

O que está se dizendo também, quando se fala que a escola deve trabalhar para minimizar a violência, é que ela deve educar os alunos para que possam ser autônomos para pensar. Não é atribuir à escola funções que outros meios e instituições delegaram a ela; não se está retirando o seu papel característico, as especificidades dessa educação, pois a formação de alunos críticos e autônomos são concepções que devem ser incorporadas na filosofia da escola.

Desenvolver certas posturas e temáticas que levem os alunos a refletir sobre suas condutas é importante. Metodologias eficazes como

palestras, que trazem questionamentos e debates com temas que possam desenvolver a cidadania; que leve a compreensão das diferenças em todas suas formas (étnicas, sociais, políticas, raciais, físicas...); que leve ao conhecimento de posições e realidades distintas entre tantas outras que possibilitem a reflexão, o auto-conhecimento, a descoberta de valores, favorecem no desenvolvimento da criticidade e no posicionamento do indivíduo frente a realidade.

Ao se dizer da importância de se expressar, não significa fazer valer somente idéias próprias e reflexões. O expressar-se vai além de palavras quando permite um contato interior, um auto-conhecimento, diversas descobertas e vivenciar sentimentos. A arte vem possibilitar este ganho.

“Sendo a arte a concretização dos sentidos em formas expressivas ela se constitui num meio de acesso a dimensões humanas não passíveis de simbolização conceitual. A linguagem toma o nosso encontro com o mundo e o fragmenta em conceitos e relações, que se oferecem à razão, ao pensamento. Enquanto a arte, procura reviver em nós este encontro, este “primeiro olhar” sobre as coisas, imprimindo-o em formas harmônicas. Através da arte somos levados a conhecer melhor nossas experiências e sentidos, naquilo que escapam ao linear da linguagem. Quando na experiência estética, meus sentidos entram em consonância por aqueles concretizados na obra, minha atenção se focaliza naquilo que sinto. A lógica da linguagem é suspensa e eu vivo meus sentimentos, sem tentar “traduzi-los” em palavras.” (DUARTE JÚNIOR,1994 – p. 61)

Desta forma a arte vem a ser mais um instrumento para expressão, para melhor entrar em contato com experiências e sentidos. Permitindo essa expressão, a arte (como a música, poesia, teatro,...) pode dar vazão a sentimentos, como os que originam a agressividade. Pensando na problemática da violência, este instrumento vem a ser um bom recurso.

Segundo **Reverbel**, as técnicas teatrais podem proporcionar um bom desenvolvimento das capacidades de relacionamento, espontaneidade, imaginação, observação e percepção, possibilitando ao indivíduo a descoberta de si, do outro e do mundo que o rodeia. Para a autora, as capacidades de expressão, mesmo sendo inatas do ser humano, precisam

ser estimuladas e desenvolvidas, e isso só pode através de atividades artísticas e lúdicas, como o teatro e a música.

Quanto à poesia, **Barbosa** se opõe ao conceito de Duarte Júnior de que a linguagem (as palavras) é suspensa, no momento em que se vive os sentimentos. Para Barbosa o poema é um raro instante de unidade entre o intelectual e o sensível, tornado palavra. O importante é que a arte permite expressão.

Numa mesa redonda, onde o tema era “**A LDB e o ensino de arte na escola**”, discutiu-se sobre o papel das artes na escola de primeiro grau na sociedade atual.

Enfatizou-se muito que a formação humana deve ser multilateral, englobando as artes sob uma nova perspectiva. O Parâmetro curricular baseia-se numa proposta com bases em experiências pedagógicas norteadoras de uma prática para os próximos anos, considerando fatores como o convívio social, a pluralidade cultural e ética.

Contribuir para o desenvolvimento ético dos alunos, como foi mencionado, é uma maneira de desenvolver o que é essencial à vida.

A educação escolar tem que priorizar e relacionar em seu conteúdo programático o que favoreça na formação dos alunos para agirem de forma a contribuir para a justiça, para o respeito ao outro,... . A maneira melhor para agir exige consciência e discernimento. Nem sempre é fácil agir da forma mais adequada, e criar meios para melhor conduzir as ações como pôde se perceber vem a ser um caminho possível. Não há uma receita que direcione condutas, mas pode-se dizer que existem meios a serem refletidos para melhorá-las.

Há momentos em que são revelados as pessoas sensações e sentimentos que induzem atitudes, seja para melhor vivenciá-los ou eliminá-los; em outros momentos pode se predominar idéias também direcionando condutas. Ainda que nelas interfiram fatores externos, sendo possível a escolha, cada um responde por seus atos e pelas conseqüências que deles provêm.

Muito do que o dia-a-dia impõe para uma vida melhor, como saber lidar com o fato de não se ter tudo que talvez se possa, a se ouvir sim e não

também, a lidar com a idéia de que existem regras para o bom convívio e se tirar o melhor da vida, enfim, ao ser revelado uma vida real onde limites e imposições se colocam tende a facilitar numa vida com menos erros e enganos.

Uma certa incoerência que aparece, quando os limites são arbitrários e nem sempre o errado é considerado como tal, tendem a dificultar na consolidação de valores e de atitudes consideradas éticas. Educadores com posturas mais determinadas e incisivas perante ao que favorece a vida e ao que dificulta conseguem melhores resultados na educação.

Ao se estabelecer regras, quando possível estipuladas juntamente com quem irá colocá-las em prática, pode torná-las mais aceitas; quando não se puder participar da definição de tais regras, é necessário quem irá praticá-las questionar e compreender o seu fundamento.

Desta forma, embora não se possa ter um roteiro, um percurso para se “dar bem na vida”, pode-se dizer que uma coisa é essencial e indispensável para isso, e já foi demonstrado claramente no desenvolver deste trabalho: REFLEXÃO, que forma cidadãos críticos e conscientes de suas escolhas.

Não precisa refletir muito para se perceber que nenhum ser humano é onipotente a ponto de sempre fazer o que quiser e como quiser, utilizando meios quaisquer considerados legais ou ilícitos, embora seja importante fazê-lo para perceber as limitações do dia-a-dia, que nem sempre são tão explícitas quanto parece.

Sobretudo aqueles que exercem influências sobre educandos necessitam saber o quanto é importante para viver, aprender a lidar com sentimentos e sensações que trazem situações como perda, fracasso e vitória para se poder bem conduzir as atitudes perante tais fatos. A arte neste caso também pode ser de grande valia, por facilitar o contato com emoções e sentimentos. As pessoas têm em si sentimentos bons e ruins; conduzi-los nem sempre é uma tarefa fácil, por isso desenvolver o tema Ética é fundamental, pois pode modificar atitudes ou consolidá-las, ao se pensar nos fundamentos que este tema traz.

Ao se centrar no individual, tendo a preocupação com o que interfere, dificulta e favorece na educação de cada um; visando a descoberta da melhor maneira de se expressar; de tornar indivíduos reflexivos e mais felizes, não se busca a formação individualista, mas pessoal pensando no social.

O ser humano é constituído de corpo, mente, alma; traz em si sua cultura, seus desejos específicos, sentimentos, suas verdades, seus valores e ideais. Considerá-lo em sua singularidade e totalidade é almejar sua felicidade favorecendo, como diz Read “para que seja o que é” e que melhor se posicione frente ao outro, frente a sociedade.

“O prazer, a sabedoria de ver, chegaram a justificar minha existência. Uma curiosidade inextinguível pelas formas me assaltava e me assalta sempre. Ver coisas, ver pessoas na sua diversidade, ver, rever, ver, rever. O olho armado me dava e continua a me dar força para a vida.”

Murilo Mendes

REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

BARBOSA, Severino A. M.. A procura da palavra : A poesia educa enquanto poesia. TESE DE MESTRADO, Faculdade de Educação – Unicamp, 1989.

DUARTE JÚNIOR, J. F.. Por que Arte-Educação. Campinas – SP : Papyrus, 1994.

FREIRE, Paulo. Entrevista concedida à emissora de televisão Rede Vida. 22 abril – 1997.

GALLO, Sílvio. (Coord.).Ética e Cidadania : Caminhos da filosofia. Campinas: Papyrus, 1997. (Grupo de Estudos sobre Ensino e Filosofia)

HOLANDA, Eduardo e ANDRADE, Patrícia. Cinco jovens bem-nascidos matam um índio em Brasília e podem ser condenados por crime hediondo. ISTO É, São Paulo: 30 abril 1997, p.20-23.

IANNI, Octávio. Observações sobre o “globalismo”, in modernidade, globalização e exclusão. São Paulo : Imaginário, 1996.

LOBROT, Michael. A Favor ou Contra a Autoridade. Rio de Janeiro : Francisco Alves, 1977.

MORAIS, Régis de. Entre a Educação e a Barbárie. Campinas : Papyrus, 1982. (Coleção Krisis)

MORAIS, Régis de. O Que É Violência Urbana. São Paulo : Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos)

MORAIS, Régis de. Violência e Educação. Campinas : Papyrus, 1995.

PALESTRA : A LDB e o Ensino de Arte na Escola. Campinas : Unicamp, Maio - 1997.

PINHEIRO, Daniela e CAMAROTTI Gerson. Planalto Selvagem: Numa noite de tédio, cinco garotos melancólicos e apáticos tocam fogo num índio para se divertir. VEJA, São Paulo : 30 abril 1997, p.24-28.

READ, Herbert. A Educação pela Arte. Lisboa : Arte e Comunicação, Ed.70, s/d .

READ, Herbert. A Redenção do Robô : Meu Encontro Com A Educação Através da Arte. São Paulo : Summus, 1986.

REVERBEL, Olga. Teatro em sala de Aula. Rio de Janeiro : J. Olympio, 1979.

SAMPAIO, Rosa Maria W. F.. Ferreira. Freinet : Evolução Histórica e Atualidades. São Paulo : Scipione, 1989.

SAVATER, Fernando. Ética Para Meu Filho. São Paulo :Martins Fontes, 1997.

SNYDERS, Georges. A Alegria na Escola. São Paulo : Editora Manole, 1988.

TORRES, Carlos Alberto. Diálogo com Paulo Freire. México : Edições Loyola, 1997. (Coleção Paulo Freire)



129000080



FE

TCC/UNICAMP G586v

LUCIANA DORNAICKA E GONÇALVES

VIOLÊNCIA, ESCOLA E ÉTICA

CAMPINAS - 1998

UNICAMP - FE - BIBLIOTECA